

FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL COMO FUNDAMENTO DE UMA FENOMENOLOGIA DA PAISAGEM: NOTAS SOBRE UM EXERCÍCIO PRÁTICO DE REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

Transcendental phenomenology as basis of a phenomenology of landscape: notes on a practical exercise of phenomenological reduction

Angelo Serpa¹

RESUMO

Intenta-se nesse artigo apresentar e discutir os princípios da fenomenologia transcendental de Edmund Husserl, refletindo especialmente sobre o procedimento de redução fenomenológica e sua utilização como fundamento primeiro de uma fenomenologia da paisagem contemporânea. Noções caras à fenomenologia como imanência, transcendência, fenômeno, situação, intencionalidade e intersubjetividade, entre outras, são problematizadas nas diferentes seções do texto, assim como os resultados de um exercício de fenomenologia da paisagem, realizado com os estudantes de disciplina homônima, oferecida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO-UFBA). Conclui-se que o maior ganho desse tipo de procedimento parece ser a conscientização pelos participantes de que nem o mundo nem a paisagem são dados absolutos ou externos aos seres humanos, mas se constituem neles e a partir deles, o que torna paisagem e mundo “universais sempre negociados”. Desse modo, a redução fenomenológica não é a “fórmula de uma filosofia idealista”, mas sim a “fórmula de uma filosofia existencialista”, como nos lembra Merleau-Ponty, radicalmente humanista e centrada nos seres humanos. Por fim, a redução fenomenológica nos revela também que a paisagem é uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como “universais”.

Palavras-chave: Fenomenologia transcendental. Fenomenologia da paisagem. Edmund Husserl. Redução fenomenológica. Intersubjetividade.

ABSTRACT

This paper attempts to present and discuss the principles of Edmund Husserl's transcendental phenomenology reflecting, especially, about the phenomenological reduction procedure and its use as the main one first basis on a contemporary landscape phenomenology. Special phenomenological foundations as immanence, transcendence, phenomenon, situation, intentionality and intersubjectivity among others are raised in different sections of the text, as well as the results of an exercise in landscape phenomenology, held with students of a homonymous discipline, offered in 2013 at the Geography Graduation Program at Federal University of Bahia (POSGEO-UFBA). The conclusion is that the greatest gain of that sort of procedure seems to be the participants awareness that neither the world nor the landscape are absolute or external data to humans but are in them and from them, what makes landscape and world “negotiated universals”. Thereby, the phenomenological reduction is not a “formula of an idealist philosophy”, but rather a “formula of an existential philosophy”, radically humanistic and centered in humans, as Merleau-Ponty reminds us. Finally, the phenomenological reduction also reveals that landscape is a relation between subjects that, inter-subjectively relates objects constituting landscapes as “universal”.

Keywords: Transcendental phenomenology. Phenomenology of landscape. Edmund Husserl. Phenomenological reduction. Inter-subjectivity.

¹ Professor titular de Geografia Humana da Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B e doutor em Planejamento Paisagístico e Ambiental pela Universitaet für Bodenkultur Wien (1994), com pós-doutorado em Estudos de Organização do Espaço Exterior e Planejamento Urbano-Regional e Paisagístico realizado na Universidade de São Paulo (1995-1996) e em Geografia Cultural e Urbana realizado na Université Paris IV – Sorbonne (2002-2003) e na Humboldt Universität zu Berlin (2009). angserpa@ufba.br.

✉ Avenida Princesa Leopoldina, 359, ap. 602, Graça, Salvador, BA. 40150-080.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se discutir os princípios da Fenomenologia Transcendental de Edmund Husserl aplicados à Geografia, refletindo, em especial, sobre a possibilidade de apropriação do procedimento de redução fenomenológica para os estudos da paisagem contemporânea. Em um primeiro momento, busca-se apresentar em linhas gerais as bases filosóficas do pensamento de Husserl para, em seguida, problematizar alguns dos resultados de um exercício de fenomenologia da paisagem, realizado com os estudantes de disciplina homônima, oferecida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA).

Para Merleau-Ponty, parafraseando Eugen Fink (assistente de Husserl), a melhor fórmula para compreender o procedimento da redução é a de uma admiração diante do mundo. A reflexão toma distância do mundo, “para ver brotar as transcendências”, distendendo “os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer”, para revelar o mundo como paradoxo. O princípio da redução é simples, mas de difícil realização, pois para apreender o mundo como “paradoxo”, é necessário “romper nossa familiaridade com ele” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 10).

Pode-se afirmar para a “paisagem” o mesmo que Merleau-Ponty proclama para a “busca da essência do mundo”: buscá-la não é procurar aquilo que o mundo (ou a paisagem) é (são) em “ideia”, mas o que de fato o mundo (e a paisagem) é (são) para nós “antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13). A redução é “a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos”, igualando a reflexão à “vida irrefletida da consciência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13).

IMANÊNCIA, TRANSCENDÊNCIA, FENÔMENO E SITUAÇÃO

Para Husserl, a fenomenologia é uma doutrina universal das essências que coloca em questão todo o conhecimento, já que “de início, não nos é permitido admitir conhecimento algum como conhecimento” (HUSSERL, 2000, p. 23). E aqui o que está em xeque em um primeiro momento é tanto o conhecimento intuitivo da consciência como o conhecimento das ciências objetivas (ciências da natureza e do espírito).

A crítica do conhecimento é uma ciência que quer continuamente, só e para todas as espécies e formas de conhecimento, criar clareza, então não pode **utilizar nenhuma ciência natural**; não pode religar-se a seus resultados nem às suas asserções sobre o ser; estes permanecem para ela em questão. Todas as ciências são para ela apenas **fenômenos da ciência** (HUSSERL, 2000, p. 25, grifos no original).

Baseando-se na fenomenologia transcendental de Husserl, o que deve importar para a Geografia é a situação, que coloca todos os transcendentais em suspensão, focando nas imanências e na constituição do transcendental. É a situação que relativiza o singular e o universal. Aqui, a coisa é o singular, o absolutamente dado; o universal é a consciência, o intuitivamente dado. O que liga o singular e o universal, a coisa e a consciência é o intentado puro, a intuição pura, o absolutamente dado da consciência, que intenta a coisa através do fenômeno. A consciência em ato assume aqui o papel de instituinte.

As coisas são e estão dadas em si mesmas no fenômeno (*Erscheinung*) e em virtude do fenômeno; são ou valem, claro está, como individualmente separáveis do fenômeno, na medida em que não importa este fenômeno singular (a consciência de estar dadas), mas essencialmente são dele inseparáveis (HUSSERL, 2000, p. 33 – grifos no original).

O fenômeno é por isso mediação, que resulta do caráter particular da situação, é a síntese do momento e da conjuntura, vividos em sua plenitude. Nesse contexto, busca-se compreender – em situação – como a coisa² vira consciência e como a consciência intenta a coisa. O imanente incluso da coisa gera o imanente ingrediente da consciência, que, por sua vez, transforma a imanência inclusa da coisa (e também se transforma!). Surge, assim, a transcendência ingrediente, que é o retorno do intentado puro original à consciência com a imanência inclusa da coisa transformada.

Segundo Husserl, essa transcendência ingrediente é justamente o que se busca revelar com base em sua fenomenologia transcendental, pois se trata de outra transcendência, “cujo contrário é uma imanência inteiramente diversa, a saber, **o dar-se absoluto e claro, a autopresentação em sentido absoluto**” (HUSSERL, 2000, p. 61, grifos no original). E este é um estar dado que não deixa margem à dúvida e pode ser compreendido como uma evidência imediata. Há, porém, outro sentido para a transcendência, que deve ser evidenciado (e se possível “evitado”) no exercício da redução eidética³: “é transcendente no segundo sentido todo o conhecimento não evidente, que intenta

2 Aqui, levando-se em conta as sutilezas do idioma alemão, que distingue “Ding” e “Sache”, este último termo já admitindo uma elaboração do objeto pela consciência, significando também “Gegenstand”, optou-se pela interpretação de “coisa” com o sentido de “Ding”, ou seja, o objeto imanente que antecede o momento de sua constituição como objeto transcendente pela consciência. Desse modo, busca-se realçar o problema de como são constituídas “as objetividades da consciência”, conforme discutido por Husserl nas “Ideias I” (HUSSERL, 2006, p. 197).

3 “Toda redução, diz Husserl, ao mesmo tempo em que é transcendental, é necessariamente eidética. Isso significa que não podemos submeter nossa percepção do mundo ao olhar filosófico sem deixarmos de nos unir a essa tese de mundo, a esse interesse pelo mundo que nos define, sem recuarmos para alguém de nosso engajamento para fazer com que ele mesmo apareça como espetáculo, sem passarmos do **fato** de nossa existência à **natureza** de nossa existência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 11 – grifos no original).

ou põe o objectal (*das Gegenständliche*), mas **não o intui ele mesmo**” (HUSSERL, 2000, p. 61, grifos no original).

A fenomenologia transcendental quer saber como o pensamento dá forma à coisa em seu intentar puro, original, e como esse intentar puro processa a coisa através do fenômeno. Nesse esquema, o fenômeno liga o pensamento à coisa e dá forma ao pensamento sobre a coisa. A fenomenologia quer entender as origens da lógica, de qualquer lógica, seu campo de atuação é a esfera das origens. A fenomenologia é, assim, radicalmente processual e sincrônica porque o tempo é suspenso, colocado em seu papel instituinte e processual: o tempo da fenomenologia é, portanto, sincrônico e processual.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

A imanência inclusa é diferente do absolutamente dado, que é relação e está em relação com a consciência. A redução fenomenológica não exclui o verdadeiramente transcendente (a consciência, o universal). É investigação das essências, é captação do sentido da evidência absolutamente intuitiva, que a si mesma se apreende: quer elevar o intuído à consciência do universal. A redução é percepção evidente e reduzida, é análise das essências na esfera da evidência imediata. A (difícil!) tarefa aqui é a de rastrear todas as formas do dar-se das coisas e todas as correlações, exercendo sobre todas elas a análise esclarecedora.

Buscando construir uma determinação mais precisa para o procedimento de redução, Husserl vai afirmá-la não como “exclusão do verdadeiramente transcendente”, mas “exclusão do transcendente em geral”, ou seja, “de tudo que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro” (HUSSERL, 2000, p. 25). A redução coloca em suspensão todo recurso a qualquer saber, a qualquer

conhecimento: “a investigação deve manter-se no puro ver”. Nesse contexto, os conhecimentos valem o que valem, “quer a respeito deles se seja cético ou não” (HUSSERL, 2000, p. 25).

Conforme a doutrina de Husserl, a redução eidética é um primeiro passo para a realização de uma tarefa “formidável”, a saber: a “do estudo **da constituição transcendental da objectividade real**” (HUSSERL, 2001, p. 84, grifos no original), ou seja, a tarefa de elaboração de uma teoria constitutiva da natureza física, mas também de uma teoria do homem, da sociedade humana, da cultura etc.:

Trata-se em cada um dos casos de desvendar a intencionalidade implicada na própria experiência (enquanto esta constitui um estado vivido transcendental); trata-se de uma explicação sistemática dos ‘horizontes da experiência’, quer dizer, de uma explicitação das evidências possíveis que poderiam ‘preencher-lhes’ as intenções, e que, por sua vez, conformemente a uma lei de estrutura essencial, fariam renascer em torno delas ‘horizontes’ sempre novos; e isso ao estudar continuamente as correlações intencionais (HUSSERL, 2001, p. 85).

Aqui abro um breve parêntese para sublinhar a importância fundamental da noção de “constituição fenomenológica” em Husserl, que quer dizer em princípio a “constituição de um objeto intencional em geral” (HUSSERL, 2001, p. 75), algo especialmente interessante para um exercício de fenomenologia da paisagem: como, afinal, a paisagem se constitui para os sujeitos como objeto intencional? A constituição fenomenológica da paisagem quer dizer, sobretudo, que esta paisagem “vale” para quem a constitui de modo intencional, é uma **aquisição durável** para mim: “posso ‘sempre retornar’ à realidade ela mesma percebida, em cadeias formadas por evidências novas que serão a ‘reprodução’ da evidência primeira. [...] Sem tais possibilidades, não haveria para nós o **ser estável e durável**, mundo real ou ideal” (HUSSERL, 2001, p. 81, grifos no original).

PRINCÍPIOS FENOMENOLÓGICOS

Vimos, até aqui, que a fenomenologia do conhecimento é ciência dos conhecimentos como atos da consciência, ciência das objectalidades, de como a si mesmas se exibem, mas também, e sobretudo, uma “ciência da subjetividade”. A percepção reflexa intuitiva e a fantasia reflexa intuitiva são, aqui, absolutos. É isso, de certo modo, que fundamenta e justifica a redução fenomenológica: a percepção e a fantasia em ato, em situação, evidenciando-se a intuição como matéria-prima para ambas.

Busca-se simplesmente ver e apreender “o que se dá a si mesmo”, com a condição que haja “um ver real, uma real autopresentação no sentido mais estrito”, “o absolutamente compreensível por si mesmo” (HUSSERL, 2000, p. 77). O dar-se da *cogitatio* pura é, assim, um dado absoluto. O “modo fenomenológico” baseia-se na percepção reflexa e puramente imanente, na forma de percepção reduzida, daquilo que intentamos intuitiva e apreensivamente. Um “ver real”, que não visa a algo que não se dá. E isso é diferente de visar, crer, fundamentar algo que não está dado.

Para a crítica, no seu começo, não pode valer como dado nenhum conhecimento sem exame. Isso não exclui a evidência da *cogitatio*, mas trata as *cogitationes* como fenômenos absolutos. Trata a imanência como caráter necessário de todo o conhecimento, assumindo a imanência universal da consciência. A *cogitatio* tem “momentos ingredientes”, mas, também, as coisas que intenta, como vivências (mas não inclusivamente, como fragmentos).

Mais facilmente apreensível, pelo menos para quem consiga colocar-se na posição do puro ver e evitar todos os preconceitos naturais, é o conhecimento de que **podem chegar ao absoluto dar-se em si** não só objetos singulares, mas também

universalidades, objetos universais e estados de coisas universais. Este conhecimento é de importância decisiva para a possibilidade de uma fenomenologia (HUSSERL, 2000, p. 78-79 – grifos no original).

Estamos no terreno da outra transcendência que mencionamos anteriormente: o dar-se absoluto e claro, a evidência imediata, o ver e o captar absolutamente imediatos da própria objectalidade intentada e tal como é. O *a priori* fenomenológico é conhecimento dirigido puramente para essências genéricas, na esfera das origens, dos dados absolutos, baseado na intuição genérica: “e tem aqui também o seu legítimo lugar o falar de *a priori*. Pois, que significa conhecimento apriórico – pelo menos no caso de excluirmos os conceitos empiricamente falseados de *a priori* – senão um conhecimento puramente dirigido para essências genéricas [...]?” (HUSSERL, 2000, p. 79).

INTERSUBJETIVIDADE

O mundo intersubjetivo da fenomenologia revela a transcendência como ato compartilhado entre os seres humanos, como transcendência “negociada”. Admitir a possibilidade de um mundo intersubjetivo como transcendência ingrediente, partilhada e negociada, revela que as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências, vistas como possibilidades “universalmente em questão”. A consciência dos sujeitos deve revelá-los em situação, “e é apenas sob essa condição que a subjetividade transcendental poderá [...] ser uma intersubjetividade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 9):

[...] o sentido de uma **comunidade de homens**, o sentido do termo ‘homem’, que, já enquanto indivíduo, é essencialmente membro de uma sociedade [...] implica **uma existência recíproca de um**

para outro. Tal implica uma assimilação objectivante que coloca o meu ser e o dos outros no mesmo plano. [...] É igualmente claro que os homens só podem ser apreendidos como encontrando (na realidade ou em potência) outros homens em torno de si. A própria natureza infinita e ilimitada torna-se então uma natureza que abarca uma multiplicidade ilimitada de homens [...], como sujeitos de uma intercomunhão possível (HUSSERL, 2001, p. 164-165 – grifos no original).

É a esta “comunidade de homens” que Husserl designa como intersubjetividade transcendental, “constituída como trazendo em si própria o mesmo mundo objetivo”, o que permite que “este mundo seja ao mesmo tempo **mundo dos homens**, [...] constituído [...] **na alma de cada homem particular**, nas suas experiências [...] intencionais, nos seus sistemas potenciais de intencionalidade” (HUSSERL, 2001, p. 165-166 – grifos no original).

O mundo fenomenológico, segundo Merleau-Ponty (2006, p. 18), é “inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha”, portanto, não é “a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do mundo” (2006, p. 19). A redução fenomenológica como procedimento ensina que é necessário reaprender a ver o mundo, recusando-lhe nossa cumplicidade: “é porque somos do começo ao fim relação ao mundo que a única maneira, para nós, de apercebermo-nos disso é suspender esse movimento [...] colocá-lo fora do jogo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 10).

Por outro lado, o procedimento de redução ajuda a desnudar paulatinamente as ações da consciência para tornar conhecidas suas essências, essências que poderão ser experienciadas conscientemente por cada indivíduo e que muitas vezes mostrarão algo em comum com as essências experienciadas por outros indivíduos, sublinhando a consciência humana e seus atos como um “universal”.

O CURSO DE FENOMENOLOGIA DA PAISAGEM NO POSGEO-UFBA

Uma guinada teórico-metodológica de minhas pesquisas em direção a procedimentos que buscassem a articulação entre dialética e fenomenologia (ver com mais detalhes SERPA, 2006; 2007; 2013) me estimulou a propor a retomada do tópico especial Fenomenologia da Paisagem, como disciplina optativa para os mestrandos em Geografia, a partir de agosto de 2006. O curso foi ministrado pela primeira vez por Milton Santos, quando de sua reintegração aos quadros da UFBA e da criação do Mestrado em Geografia, em 1995. Estive presente como ouvinte em algumas aulas do curso ministrado por Milton Santos em Salvador. As aulas transcorriam no Instituto de Geociências sob sua batuta, com extensa bibliografia e um público muito interessado. Era um momento importante para a Geografia baiana, com a instalação do primeiro mestrado nesta área de conhecimento no estado.

Para Milton Santos, poder-se-ia compreender a **paisagem como artefato e como sistema**, já que a paisagem é evidentemente uma produção humana, caracterizando-se como um conjunto de elementos/objetos interligados. Poder-se-ia também elaborar uma crítica da paisagem contemporânea a partir da ideia de **paisagem como riqueza**, visto existirem paisagens que podem melhor favorecer a produção/circulação de mercadorias, ou **como ideologia**, posto que a paisagem sempre exprime e condiciona um conjunto de crenças e ideias, e, ainda, como **história**, já que a paisagem cristaliza momentos e períodos históricos em seus processos de constituição (e transformação). Foram essas ideias/esses princípios que me instigaram a retomar o curso de Fenomenologia da Paisagem no Mestrado em Geografia da UFBA⁴, mais de uma década depois, no segundo semestre de 2006.

⁴ Desde 2011, com a criação do doutorado, a área de Geografia conta com um programa de pós-graduação completo na Bahia, com mestrado e doutorado, o POSGEO-UFBA.

Esta foi uma experiência importante não só para mim, que coordenei a disciplina, mas para os estudantes, que deste modo descobriram a diversidade da abordagem espacial de Milton Santos, desconstruindo a visão unilateral e estrita de sua obra como exclusivamente “marxista” e/ou “dialética”. Milton Santos ensinou que não há “nenhuma contradição entre fenomenologia e dialética” (SANTOS, 1995, p. 22)⁵, apostando em um enfoque existencialista para a análise crítica da paisagem e das relações sociedade-natureza no mundo contemporâneo. Na retomada do curso, em 2006, buscamos discutir e aprofundar as bases teórico-metodológicas da fenomenologia; as contribuições de Edmund Husserl, Jean-Paul Sartre, Merleau-Ponty e Gaston Bachelard; a fenomenologia da paisagem; a interpretação da paisagem a partir dos objetos; a interpretação da paisagem e as múltiplas visões do problema; o visível e o invisível: o espaço como método de estudo da paisagem.

A disciplina foi oferecida no POSGEO/UFBA também nos semestres 2008.2 e 2013.2. A partir de 2013, incluiu-se na bibliografia e nas discussões a fenomenologia da presença, de Martin Heidegger, em especial sua obra seminal “Ser e Tempo”, e novos textos de Geografia Humanista, em especial dos pesquisadores do Grupo Geografia e Fenomenologia (ver, por exemplo, MARANDOLA JR.; HOLZER; OLIVEIRA, 2013 e o periódico “Geograficidade”). Antes de passar à descrição e à análise do exercício de redução fenomenológica inspirado em Husserl, na próxima seção, convém ainda explicar que, desde a retomada do curso, os exercícios práticos compõem a

⁵ A “paisagem”, termo surgido no século XIV nos Países Baixos (CLAVAL, 2004), pode ser a chave para a resolução das ambiguidades no âmbito das pesquisas em Geografia, apresentando a vantagem de ser o mais operacional dos conceitos à disposição do pesquisador para levantamentos empíricos (SERPA, 2006). Como Milton Santos (1995), acreditamos que estão abertas as possibilidades para uma Geografia igualmente fenomenológica e dialética, apostando em um enfoque existencialista para a análise crítica da paisagem e das relações sociedade-natureza no mundo contemporâneo.

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

estrutura programática da disciplina: após as discussões teóricas relativas aos textos filosóficos abordados em sala de aula, os exercícios são organizados com o intuito de esclarecer e experienciar na prática as propostas fenomenológicas dos autores. A seguir discutiremos o exercício realizado em 2013, com os estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado) matriculados na disciplina naquele ano.

EXERCÍCIO DE REDUÇÃO EIDÉTICA: “DESCRIBÇÃO REDUZIDA” COMO ATO DE “PRÉ-COMPREENSÃO”?

O exercício foi pensado para a participação de um público de 12 estudantes, divididos em duplas, como forma de aprofundar a experiência da paisagem como fenômeno e como mediação. Também tinha como objetivo a busca de compreensão sobre os princípios da redução fenomenológica, focando na abordagem do “absolutamente dado das coisas” (aqui, “coisas” no sentido dos “elementos da paisagem”) e do “intentar/intuir puro” da consciência dos sujeitos observadores em situação.

A experiência da redução fenomenológica ocorreu no Morro do Cristo, na orla do bairro da Barra em Salvador. Os estudantes foram solicitados a se posicionar em duplas em pontos específicos para a observação da paisagem (Figuras 1 e 2); a escolha do lugar de posicionamento de cada dupla deveria ser acordada entre os dois componentes. A partir daí foi distribuído um roteiro dividido em “momentos”, com o intuito de auxiliar os estudantes na realização do exercício:

Momento um: Descrever sozinho as “coisas”/os elementos que compõem a paisagem⁶ sem correlacioná-las (-los). Para cada uma das

6 O momento um diz respeito à descrição de cada coisa/elemento enquanto o momento três refere-se à descrição da correlação desses elementos/coisas como “paisagem”. Busca-se revelar, através dos diferentes momentos do exercício, a questão da relação parte-todo expressa na constituição das paisagens.

coisas descritas, evidenciar o que provocam em termos perceptivos no observador em uma palavra ou expressão-síntese.

Momento dois: Comparar a descrição e palavras/expressões-síntese com as do parceiro de dupla.

Momento três: Buscar a correlação das coisas como “paisagem” com o parceiro da dupla, descrevendo essas correlações e “negociando” uma imagem/representação-síntese para a paisagem descrita.

Momento quatro: Evidenciar as operações/os dados transcendentais (aquilo que não está absolutamente dado, que não aparece de modo imediato na situação), na descrição da dupla e na construção da imagem/representação-síntese para a paisagem descrita.



Figura 1 – Dupla posicionada para realização do exercício de redução fenomenológica
Fonte: Foto do autor

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa



Figura 2 – Dupla posicionada para realização do exercício de redução fenomenológica

Fonte: Foto do autor

Os resultados da experiência que passamos a descrever e analisar nessa seção compõem os relatórios finais de cada dupla entregues no encerramento da disciplina, em 2013, na Universidade Federal da Bahia.

Para todas as duplas, a primeira dificuldade consistiu em encontrar palavras e termos adequados para a descrição dos elementos da paisagem em uma “versão reduzida” de percepção e repertório. Uma das duplas (que aqui mencionaremos sempre como “dupla 1”), por exemplo, resumiu em um quadro as descrições de cada componente para os elementos isolados, associando a eles o sentimento despertado em cada observador por cada elemento descrito: para a areia, a conotação de uma superfície bege e vazia (sentimento de “vazio”),

para a grama, superfície plana, de cor verde, que recobre os morros e o planalto (sentimento de “descanso”), para os prédios, estruturas sólidas e estáticas, que apresentam linhas retilíneas regulares, de cores variadas (sentimentos de “imposição” e “estranhamento”), para o céu, plano cinza claro, com manchas azuladas, massa de cor branca e aparência leve e flutuante (sentimento de “proteção”), para o mar, superfície esverdeada, horizontal, com pequenas rugosidades, em movimento ou massa plana, lisa, azul-esverdeada-acinzentada, fluida, inquieta na superfície mas serena no todo (sentimentos de “curiosidade” e “mistério”), para as pessoas, seres vivos que se movimentam sobre a superfície bege ou dentro da superfície cinza esverdeada, pequenos elementos móveis que se posicionam ora na vertical, ora na horizontal (sentimentos de “movimento” e “graça”).

Outra dupla (“dupla 2”), buscou mediar e negociar as diferenças desde a descrição inicial, mesclando os momentos um e dois do exercício, comparando suas palavras/expressões-síntese, chegando ao seguinte resultado: mar: corpo hídrico, movimento; sol: luz e calor; rochas: duras, cordão protetor; areia: sujeira, brincadeira; pessoas: convivência, disputa por espaço; grama: sombra, conforto, descanso; prédios: concreto, artificial, novo; céu: distância, infinito. Uma terceira dupla (“dupla 3”), descreveu assim os elementos isolados da paisagem observada: céu: leveza; areia: aspereza, sujeira; mar: beleza, silêncio, abrigo, paz; prédios: concreto, artificial; grama: umidade; pessoas: convivência, coexistência; rochas: coesas, duras. A dupla 3, após a finalização do exercício e do debate com os demais estudantes, concluiu que as palavras escolhidas para a descrição dos elementos, nos primeiros momentos, já estavam “impregnadas de transcendências” de toda ordem, buscando substituir alguns termos da descrição por noções que consideravam mais “universais”, como, por exemplo, prédios por construções, coqueiro por vegetação, grama

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

por vegetação rasteira, barraca por objeto que proporciona sombra, escada por degraus etc.

As componentes da dupla 1 descreveram assim a paisagem vislumbrada a partir do Morro do Cristo, no terceiro momento do exercício (Figura 3):

A partir dos nossos pés a grama aparecia como um tapete verde, recobrimo aquele pedaço de patamar que nos separava do restante da paisagem. Espalhados sobre o tapete verde havia conjuntos irregulares de outros elementos verdes, em diversas tonalidades que se moviam sem se deslocar no espaço. Alguns eram grupamentos irregulares e elipsais mais baixos que outros formados por dois elementos distintos: uma parte fina, marrom escuro, presa ao solo e contínua e, sobre esta, uma parte verde também elipsal, formada de várias pequenas partes, que compunham um todo descontínuo, o qual apresentava movimentos ondulantes. O tapete verde recobria também pequenos morros – superfícies rugosas, verdes, inclinadas, que se encontravam com os prédios, dando uma ideia de continuidade. A grama dava uma sensação de descanso, enquanto os morros a sensação de sustentação àqueles prédios – estruturas sólidas, estáticas, com formatos regulares de cores variadas, que davam a sensação de estarem impondo sua presença aos outros elementos. Seguindo aquelas estruturas até seu topo, elas se encontravam, mas de uma maneira desarmônica, com o plano cinza claro, com manchas azuladas em tons ora mais opacos, ora mais translúcidos, formado pelo céu, que estava quase completamente coberto por elementos brancos ou acinzentados, ora opacos ora translúcidos que se movimentam lentamente lhe conferindo uma textura diferente daquela das partes azuis. Os dois elementos formavam uma massa que cobria nossas cabeças e parecia ser única e, ainda que distante, dava a sensação de aconchego e curiosidade. A lentidão desta vista, em um momento, foi quebrada pelo surgimento de pequenos seres triangulares e delicados que planavam na atmosfera, nos causando surpresa. Esta massa encontrava-se com o mar, uma superfície que refletia o tom acinzentado das nuvens daquele dia, contraindo um tom esverdeado, fluido, com pequenas rugosidades criadas pelo efeito do vento. Uma

linha grafite marca o encontro de duas superfícies, quebrando a translucidez da aproximação entre elas. Aquele lençol cinza esverdeado parecia inquieto e sereno ao mesmo tempo, e dava a sensação de mistério e curiosidade, vontade de se aproximar e tocar. Realizava movimentos ora calmos, ora bruscos, sobretudo ao encontrar-se com a barreira formada por grupos de objetos irregulares, alguns planos, outros com tamanhos e formatos variados, sólidos e opacos, que transmitem a sensação de força e rigidez ao provocarem aquelas explosões esbranquiçadas nesse encontro. Seguindo essa explosão, encontrávamos com uma superfície plana de cor bege que dava a ideia de ruptura quando encontrava com a grama onde estávamos posicionadas. Nela, pequenos elementos móveis se destacavam. Seres que se posicionavam ora verticais, ora horizontais, se dobravam sobre si mesmos, se abriam, se fechavam, se deslocavam rápido ou devagar e mergulhavam na massa cinza esverdeada. Nos divertimos com seus movimentos. O vento, um dos elementos invisíveis identificados naquela paisagem, fazia pressão sobre a vegetação, o mar e os nossos rostos e corpos, como um afago contundente e voluntarioso. Provocou-nos a sensação de resfriamento, pois estava o dia muito quente, e de liberdade. Observar todos aqueles elementos tirava a atenção do som do trânsito ao fundo. Ouvíamos apenas o som do vento nas folhas. E odor, apenas o da grama misturado à terra ao nosso redor.

Para esta dupla, o exercício realizado serviu para esclarecer um dos aspectos fundamentais relativos ao procedimento de redução fenomenológica proposto por Husserl, qual seja: uma descrição reduzida das vivências, neste caso específico de vivências perceptivas relacionadas com a paisagem⁷. O exercício auxiliou também na identificação dos dados transcendentais de

⁷ Admite-se que, com o exercício aqui apresentado, não se chegou a uma análise definitiva das vivências das duplas. O termo vivência refere-se aqui tanto aos objetos efetivamente vivenciados como a seus correlatos intencionados pela consciência (e isso vale ao mesmo tempo para os elementos componentes das paisagens e para as paisagens elas mesmas). Uma redução fenomenológica definitiva deveria buscar aprofundar uma análise das vivências nesses termos, na direção apontada pelo exercício preliminar de descrição reduzida de percepções e sensações, como discutido neste artigo.

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

suas descrições, evidenciando os aspectos objetivos, subjetivos e intersubjetivos da relação sujeito observador-paisagem, estes últimos especialmente na descrição negociada da paisagem, citada anteriormente. Segundo esta mesma dupla, se é fato que o local onde se encontravam fornecia uma “mesma” imagem “quase completamente estática, a não ser pela presença de umas poucas pessoas na praia, pela vegetação e pelo mar levemente movimentados pelo vento”, em alguns momentos do exercício de redução, as descrições e as sensações se aproximaram, em outros se afastaram, ainda que os membros da dupla estivessem posicionados no mesmo ponto de observação, mostrando que a paisagem é “constituída”, por um lado, de um modo particular



Figura 3 – A paisagem vislumbrada a partir do Morro do Cristo, Salvador

Fonte: Foto do autor

por cada indivíduo e, por outro lado, de um modo intersubjetivo e negociado, abrindo a possibilidade de surgimento de “universais” negociados intersubjetivamente.

O momento três do exercício abriu caminho para o passo seguinte: a negociação de uma imagem-síntese para a paisagem observada e descrita nos momentos anteriores. Uma dupla (dupla 4) chegou à “apropriação” como imagem-síntese, “seja ela pela permanência mais duradoura de alguns elementos (cristalização), seja pelo movimento e passagem de outros. As delimitações encontradas na paisagem são também reveladoras de tipos de apropriações”, enquanto a dupla 1 sintetizou sua percepção/representação da paisagem observada como “continuidades e discontinuidades harmônicas”. Outra dupla (dupla 5) se sentiu, no exercício realizado, como “parte da paisagem”: a aparição de pessoas, que se aproximavam das duplas durante os momentos de descrição, levou à reflexão sobre os significados de um mundo vivido e intersubjetivo, bem como sobre as percepções individuais enquanto experiências vividas (e sempre negociadas). Finalmente, a imagem-síntese negociada pela dupla 6 foi a de um “conjunto de coisas em repouso e movimento”, uma “paisagem de contrastes”.

Para a dupla 3, o mar foi o primeiro elemento que se destacou na paisagem, o mais marcante, e a descrição negociada da paisagem no momento três do exercício expressa essa sensação inicial:

O mar que se estende até a linha do horizonte, na cor azul escuro, e que brilha refletindo a luz do sol; que tem um movimento evidente e inteiro e pontos brancos que aumentam e se espalham quando o azul chega à areia. Acompanhando o mar, há a linha do horizonte, que separa dois tons de azul, a primeira vista uma linha reta e estática, mas sob um olhar mais atento uma linha tortuosa e variável. O azul claro se prolonga

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

desde a linha até onde não podemos ver por cima de nós. Não há movimento evidente, há formas brancas também, essas sim em movimento, de tamanhos variados e espalhados. Além disso, a paisagem se transforma a partir da areia, onde as pessoas estão mais evidentes e preenchem o espaço com seus fluxos, seus movimentos, seus gestos e sua relação clara com a paisagem. A rua se revela como fronteira em uma paisagem que se divide em partes com predominância de elementos naturais e partes com predominância de elementos construídos. A cidade se revela nas pessoas que também habitam essas partes e sua fronteira definida pela calçada e pela rua mais imediata. O mar toma-se urbano.

No momento quatro do exercício essa mesma dupla 3 buscou identificar e descrever as operações que realizaram para chegar a “sua” imagem/representação-síntese: paisagem apropriada como cartão-postal da cidade de Salvador e do estado da Bahia (Figura 4). Para a dupla, uma “paisagem metonímica”:

A dupla é formada por estudantes que não nasceram em Salvador e, por isso, um dado transcendente desta paisagem é a sua função turística já tão elaborada e difundida. Percebemos que, dessa forma, essa paisagem não se constituiu (ainda) como um lugar de identidade, não é tão familiar, há uma olhar de distanciamento, é ainda algo novo. A nossa percepção se impregna de um imaginário construído pela mídia e pelo turismo, diferentemente do que os soteropolitanos já construíram ou podem construir na relação com essa paisagem.

Ao final do exercício, reuniram-se as duplas e foram debatidos os resultados e dificuldades encontradas para a realização do procedimento de redução fenomenológica, nos moldes como proposto por Husserl. Durante o debate e no relatório apresentado, a dupla 3 sintetizou bem as experiências vividas por todo o grupo de estudantes durante a atividade: “ficou evidente a dificuldade para descrever a



Figura 4 – Paisagem apropriada como cartão-postal, Morro do Cristo, Salvador

Fonte: Foto do autor

paisagem colocando o conhecimento, ou seja, o nosso repertório, em suspensão, como a redução fenomenológica propõe”. Para a dupla (com o que concordaram os demais participantes das outras duplas), “sobraram” palavras que expressam transcendências e “faltaram” os termos para descrever “o absolutamente dado” na situação. Tomamos essas últimas assertivas como mote para a conclusão deste artigo, na seção que se segue.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem como ato intencional tem a um só tempo um “eu”-polo (*noesis*) e um “objeto”-polo (*noema*). O exercício de redução

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

aqui apresentado destacou os aspectos “noemáticos” na constituição do fenômeno “paisagem”, demonstrando a necessidade de uma descrição reduzida de seus elementos e de como estes se relacionam “em situação”, como primeiro passo para uma análise rigorosa de como surge a paisagem como fenômeno “universal”, negociado e partilhado entre diferentes sujeitos (ou diferentes “eus”-polo).

De modo geral, podemos afirmar que o exercício de redução fenomenológica realizado evidenciou os aspectos subjetivos e intersubjetivos nos processos de constituição da paisagem contemporânea, bem como a necessidade de aprofundamento de procedimentos metodológicos que deem conta da complexidade envolvida nesses processos, especialmente em seus aspectos “noéticos”.

Por outro lado, devemos lembrar, com Merleau-Ponty, que “o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa”:

Eis por que Husserl sempre volta a se interrogar sobre a possibilidade da redução. Se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática. Mas porque, ao contrário, nós estamos no mundo, [...] não existe pensamento que abarque todo o nosso pensamento (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 10-11).

O maior ganho desse tipo de procedimento parece ser a conscientização pelos participantes de que nem o mundo nem a paisagem são dados absolutos ou externos aos seres humanos, mas se constituem neles e a partir deles, o que torna paisagem e mundo “universais sempre negociados”. Desse modo, a redução fenomenológica não é a “fórmula de uma filosofia idealista”, mas sim a “fórmula de uma filosofia existencialista”, radicalmente humanista e centrada nos seres humanos. A busca das essências

não é uma meta, mas um meio, e “nosso engajamento efetivo no mundo é justamente aquilo que é preciso compreender e conduzir ao conceito e que polariza todas as nossas fixações conceituais” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 11).

Embora critique a fenomenologia transcendental de Husserl, afirmando que o único nexos que por esta via se “pode estabelecer entre meu ser e o ser do outro é o do conhecimento” (SARTRE, 2005, p. 306), Sartre reconhece que esses pontos de vista “assinalam um progresso em relação às ciências clássicas”, pois remetem “a uma pluralidade de Para-sis” (SARTRE, 2005, p. 304). De acordo com a crítica de Sartre, o verdadeiro problema seria “o da conexão entre sujeitos transcendentais para-além da experiência” (SARTRE, 2005, p. 304).

De qualquer modo, e é isso que queremos reter e enfatizar aqui, são suas afirmações de que, em Husserl, “o recurso ao outro é condição indispensável à constituição de um mundo” (ao que acrescentaríamos também à constituição de uma paisagem), que “o mundo, tal como se revela à consciência, é intermonadário”, ou ainda que “como nosso eu psico-físico é contemporâneo do mundo, faz parte do mundo e cai com o mundo sob o impacto da redução fenomenológica, o outro aparece como necessário à própria constituição desse eu” (SARTRE, 2005, p. 303).

Ou seja, a redução fenomenológica nos revela também que a paisagem não é simplesmente uma relação entre um sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriado para a definição de um conceito de paisagem, mas, sobretudo, uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como “universais”. Isso, por outro lado, não exclui a validade do procedimento de partir do absolutamente dado da situação, já que o enfoque fenomenológico significa justamente partir das coisas elas próprias, abrindo-se a possibilidade de trabalhar

Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem

Angelo Serpa

o conceito de cotidiano bem como temáticas como o “simbólico” e o “valor” nas disciplinas territoriais: “Talvez por aí possamos enfrentar a questão das tendências. Nós sabemos que as tendências e as possibilidades de sua realização dependem muito da maneira como, em cada lugar, se manifesta aquilo que Sartre chamava de prático inerte” (SANTOS, 1995, p. 23).

E partir das coisas, elas próprias, exige tomá-las como manifestações parciais da totalidade, encará-las apenas como particularidades (SERPA, 2007). A totalidade não preexiste aos seres humanos, mas se constitui neles e a partir deles em suas experiências intencionais e intersubjetivas, cujas “operações” cotidianas a redução fenomenológica sem dúvida alguma ajuda a revelar. ☉

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HUSSERL, E. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Meditações Cartesianas**. Introdução à Fenomenologia. 2. ed. Porto: Rés-Editora, 2001.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2006.

MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTOS, M. Salvador: Centro e Centralidade na Cidade Contemporânea. In: GOMES, M. A. A. F (Org.). **Pelo Pelô: História, Cultura e Cidade**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995. p. 11-29.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: Perspectivas teórico-metodológicas para uma Geografia humana dos espaços vividos. **Geosp**, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

_____. Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea. **Formação**, Presidente Prudente, v. 2, p. 14-22, 2007.

_____. O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico-Metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 84, p. 7-24, 2006.

Submetido em Fevereiro de 2015.

Revisado em Agosto de 2015.

Aceito em Agosto de 2015.